

## Arthur e Verlaine

*Arthur descobrira o haxixe no salão do hotel des Étrangers. Sempre que fumava, os seus poemas conseguiam substituir a paleta das cores e a infinidade dos aromas pela matéria estranhamente luminosa das palavras. Uma beleza extrema e íntima sobressaía dos seus versos e o que antes podia parecer ilusório passava a ser alcançável. Os sonhos e os poemas não conheciam a proibição. As poesias formavam um mundo sem tempo. Ao escrever, lidava com improváveis sensações e deixava de ter medo do fracasso. Caso falhasse, teria ainda assim a glória de cair. Os seus versos contavam a história de instantes que fugiam do papel e, tal como linhas que se viam da janela de um comboio escapavam ao olhar, também Arthur viajava com as palavras para além de todas as paisagens.*

*À noite, embriagava-se com absinto. Depois, sentia-se um anjo que tombara do céu para o inferno e vivia tendo prazer com o mal. Não se importava de insultar os poetas, de troçar da sua arte, ganhando assim inimigos.*

### Arthur

Conhecia as pinturas e os poemas dos artistas que me sustentavam e achava-os medíocres. Os meus juízos eram severos, talvez para acentuar as diferenças entre mim e eles. A poesia tinha de arrastar as experiências e sensações para lugares a céu aberto. Os poemas que ouvia no hotel quase nunca eram arrebatados por uma voz que se reinventava. Tudo se passava à volta de flores e estrelas em palavras que previsivelmente rimavam. Aliás, espantava-me o quanto os *parnasianos* falavam de coisas banais para se sentirem a si próprios. Davam forma a versos vulgares que pareciam ter sido escritos por aves canoras. Nenhum daqueles poetas percebia que é nas palavras que os barcos gemem e é com elas que se define o rio.

A necessidade de distinguir-me dos outros levava-me a salientar os seus defeitos. Em todo o caso, não sustive a irritação perante a futilidade artística num jantar dos Vilões-Gentis-Homens, no salão do hotel, tendo sido expulso da irmandade dos *parnasianos*.

Se porventura não tivesse bebido tanto, se os versos do poeta Richepin não fossem tão insuportavelmente maus, talvez tivesse conseguido conter-me. A princípio, mal ouvi aqueles poemas, escutando-os como se fossem um

zumbido. Na proximidade ou na distância, o caudal das palavras soava da mesma maneira, afastando o autor da força de qualquer talento. As palavras desfaziam-se no ar, não se aproximando da secreta obrigação dos poetas de configurar beleza. Richepin prolongou a declamação por mais de meia hora e eu estava a ponto de o despedaçar. Precisava de opor-me àquele horror. «Deixa-me dar-lhe um safanão!», disse para comigo, tendo a sensação de que o poema me estava a sugar a alma. Assim, fui repetindo baixinho depois de cada estrofe: «Que merda!»

Carjat, o fotógrafo, pediu-me para parar, depois chamou-me «crápula!», d'Hervilly agravou as injúrias, insultando-me. «Porco imundo!», gritou. Todos aqueles rostos de artistas apresentavam uma expressão de exagero, o que fez com que eu próprio entrasse num frenesim de irritação. Sem hesitar, agarrei na bengala de estoque de Verlaine que estava atrás de mim e apontei a lâmina a Carjat. Manejei a espada na sua direcção, mas com tanta falta de jeito que apenas lhe fiz um arranhão na mão. Verlaine tirou-me de imediato a sua bengala e vi-me indefeso. Vários braços agarraram-me. Debatí-me enquanto me arrastavam para fora do salão. Para trás, ficaram as cadeiras dispostas em redor da mesa como se contivessem o esqueleto de uma festa.

Injuriar todos os *parnasianos*. Contudo, o que mais os afectava não era o significado das minhas palavras, mas o meu estranho modo de rir. As minhas gargalhadas faziam ricochete, espalhavam-se pelas paredes, causando escândalo. Queria que aqueles brutos percebessem que não era um animalzinho fraco a gemer, procurando o abrigo e protecção. Apesar disso, já na rua, Verlaine veio em meu auxílio, entregando-me a Michel l'Hay, um seu amigo de longa data, para que tivesse onde dormir.

Estava uma noite fria, mas transparente. Por cima dos candeeiros a gás erguiam-se faixas de escuridão. Estava bêbado. Toda a cidade pulsava num clarão de luzes que se expandia num círculo inflamado sobre a minha cabeça. Segui atrás de Michel, cambaleando. A minha raiva foi perdendo força, a fúria abandonou-me. Só desejava dormir e mal ouvia as suaves repreensões do meu benfeitor. Quando finalmente chegámos a sua casa e ele me indicou o meu quarto, caí de imediato num sono reparador.

Verlaine já estava a meu lado quando acordei de manhã. Disse-me que me alugara um quarto numa pensão, garantindo-me que não me deixaria passar necessidades. Depois começou a fazer confissões estranhas. Saíra de casa, vivia com a mãe. A minha presença, cada instante da minha presença, cada gota dela, era suficiente para o fazer feliz. Jurou-me que já antes tentara escapar dos laços burgueses, porém, tinha um filho recém-nascido.

«Amar-me-ia, então?», interroguei-me. Evitei discorrer sobre as implicações de ser amado por um homem. Expulsei esses pensamentos. Do mesmo modo que o pó se dispersa contra o fundo de uma paisagem, afugentei todas as ideias. Eu não o amava da mesma forma, mas éramos ambos criadores. Juntos poderíamos manifestarmo-nos contra o mundo, demonstrar que não éramos escravos para sempre condenados a receber de costas curvadas as chicotadas da sociedade.

A nossa vida conjunta mudou-se ainda mais para a noite, o tempo desenrolava-se nas tabernas do *Quartier Latin*. Era verdade que Verlaine estava enamorado de mim, mas esse sentimento também lhe trazia tortura. Uma noite fomos ao teatro já embriagados, viram-nos cambaleantes e abraçados um ao outro. Um jornalista publicou uma notícia no jornal em que me designava como Madame Rimbaud. O meu amante acusou o golpe: tinham-nos coberto de ridículo. Bastou olhar para os seus olhos, no momento em que leu a notícia, para ver neles um peso, um medo. Temia que os seus amigos artistas o expulsassem do círculo dos *parnasianos*. Nos cafés e nos salões da sociedade, éramos objecto de uma atenção perversa. O preconceito expunha, maldosamente, aquela faceta do amor quando se exhibia demasiado à frente dos olhos. Pela primeira vez, os receios de Verlaine irromperam com uma voz audível e tivemos uma discussão.

Espalharam-se todo o género de medos sobre o espírito de Paul, os quais se intensificaram quando Mathilde, a mulher, anunciou que ia separar-se dele. Para não colocar uma acção no tribunal, ela impôs uma única condição: que ele se livrasse de mim, que me recambiasse para Charleville.

Por mais que estivesse envolvido comigo, Verlaine era um homem preocupado em salvar as aparências. As ameaças eram inúmeras, impondo a ansiedade: os rostos acusadores dos seus amigos poetas, a reprovação da mãe, a expulsão do círculo de artistas, as lágrimas de Mathilde. A sociedade entendia a nossa relação como uma monstruosidade, e não havia palavras que pudéssemos reunir para forjar à nossa volta um anel de protecção. Foi deste modo algo confuso que ele procurou explicar que não poderia continuar a sustentar-me em Paris. Quis responder-lhe que não havia crime, mas talvez amor entre nós. Em vez disso disse-lhe apenas: vou regressar a Charleville.

### Paul Verlaine

O amor de Arthur será sempre inatingível. Aquele rapaz é feroz e para ele só contam os seus caprichos. A sua entrega aos excessos arrastou-me para o desregramento e para a embriaguez enquanto permaneceu em Paris. Porém,

na sua companhia encontrava beleza em tudo: maravilhavam-me os seus comportamentos, os movimentos descontraídos do seu corpo, a sua entrega alheada aos meus beijos, a energia com que se entregava à escrita. As figuras dos seus versos eram figuras de delírio que atravessavam o Inferno.

A minha dedicação talvez não fosse completamente correspondida, havia sempre qualquer coisa de interesseiro nas suas atitudes, mas, apesar de viver repleto de dúvidas e angústias, fui feliz com ele. Os três meses em que ele esteve ausente foram um tormento, por isso supliquei-lhe que regressasse a Paris e enviei-lhe dinheiro para a viagem de comboio. Reconheço as minhas fraquezas quando antes cedi a Mathilde. Tive medo de ser um homem marcado. Instalei-me na vontade dos débeis e fiz o possível, através de cartas suplicantes, para que a minha mulher voltasse. Submeti-me às suas condições e deixei de sustentar Arthur. Naturalmente, sem dinheiro, ele foi forçado a regressar a Charleville.

Retornei à casa dos meus sogros quando Mathilde regressou do Sul. A minha mãe arranjou-me um emprego nos seguros e, lentamente, fui-me transformando na personagem que eles queriam. Nada de muito diferente de tantos outros habitantes de Paris. Levantava-me cedo, tomava as refeições em família, não me embebedava, não fazia nenhuma cena, nenhum ruído. Estava rodeado de horas vazias e só tinha regras diante de mim. A minha vida era um doloroso afundamento, o lento naufrágio dos meus desejos nos deles.

Nesses meses, troquei algumas cartas com Arthur. Escrevi juras de amor. As minhas saudades não eram um sonho, mas a memória de passos apressados dentro da própria alma, que iam na direcção do meu amado. Uma noite, num jantar em casa de minha mãe, inspirado não sei por que loucura, apontei uma faca a Mathilde. Era o começo da revolta. Ao lado dela não passava de um pobre fantoche, chegava-me a perguntar: «para quê viver?»

Não têm limites as loucuras do coração humano e há circunstâncias em que só é possível segui-las. O amor é sempre o sinal de um poder alheio que, no meu caso, tinha sido atribuído a Arthur. Quando ele regressou a Paris, fui de novo feliz, intensamente.

Consegui instalá-lo no atelier de um artista, não muito longe da Academia do Absinto. Arthur passava aí os dias. Depois de três ou quatro bebidas, tudo virtualmente o divertia. Bastava-lhe percorrer as ruas do *Quartier Latin* e imaginar algum drama absurdo com um transeunte. Punha nos seus lábios uma dúzia de historietas sobre esses desconhecidos, compondo outros tantos quadros caricatos. Desenvolveu um sentido do cómico realmente exagerado, mas precisava do ridículo das pessoas para exercitá-lo. No meio dos seus

comentários, dizia coisas amargas sobre os meus amigos artistas, insultava-os, perdendo o discernimento.

Era à noite, quando eu regressava a casa, que Arthur mais escrevia. O seu quarto, na rua de Monsieur le Prince, dava para o jardim do liceu Saint-Louis. Havia árvores enormes por debaixo da sua janela estreita. Às três da manhã, todos os pássaros cantavam, pendurados nas sombrias ramificações dos troncos mais altos. Nessa altura ele apagava a vela. Deitado na cama, mergulhava em zonas secretas que continham outras palavras prestes a serem resgatadas de densas regiões de obscuridade. Da fronteira dos sonhos, chegavam-lhe novos versos. As coisas que eram uma só tornavam-se plurais no seu espírito e ele voltava a acender a vela e prosseguia o trabalho até o dia raiar. Escrevia nu, como se não lhe tivesse sido permitido levar nada para junto das palavras que não fosse a própria existência.

O desassossego ocupava a alma de Arthur, fazendo com que procurasse sempre um local diferente daquele em que se encontrava. Os que, como eu, são mais simples, não vêem com a imaginação outros horizontes. Mas o meu amigo era continuamente empurrado para novas paisagens. Uma manhã, Mathilde adoeceu com uma violenta nevralgia. Saí à rua para lhe comprar um remédio e pedir ao Dr. Cros que passasse lá por casa. A meio do caminho, encontrei Arthur por acaso. Sem mais preâmbulos, afirmou que a vida no mesmo sítio era como estar numa praia repleta de conchas gastas. Era preciso partir, nunca ficar no mesmo lugar. Dito isto, sugeriu que viajássemos nesse mesmo dia para a Bélgica. Para minha própria surpresa concordei de imediato.

Antes de partirmos, passámos por casa da minha mãe com a intenção arranjarmos dinheiro para uma estadia mais prolongada. Inventei a história de que estava a ser perseguido por causa da minha participação na Comuna. A minha mãe era muito agarrada ao dinheiro, mas perante a hipótese de ver o próprio filho fuzilado, deu-me um vale generoso. Consegui fingir um estado de aflição com extraordinária plausibilidade. Já na rua, desatámos a rir, felizes com o sucesso.

Nos meus passos, durante o percurso para a Gare du Nord, só existia um desígnio: chegarmos à estação e partirmos imediatamente para Bruxelas. A pressa dominava os meus gestos e os de Arthur enquanto comprávamos os bilhetes. Apesar dessa euforia, um estranho silêncio fechou-se sobre nós, mal entrámos no nosso compartimento. Nele seguiam três homens e uma mulher de rosto desconfiado que nos olhou de soslaio.

O comboio partiu, avançando pesadamente, respirando ofegante nas subidas. Sentia-me livre de todas as grilhetas. A infelicidade permanecera no

passado. Os que haviam ficado para trás, a minha mulher, o meu filho e o resto da família tinham-se tornado em coisas transitórias, como o vulto das casas que se viam da janela.

Viajámos a noite inteira. Acima de tudo, desejava fortalecer o laço que me unia ao meu amante. Não queria que a distância ou simples contrariedades se tornassem obstáculos. Para aumentar a cumplicidade com Arthur não hesitei em aliar-me a ele numa conversa disparatada que tinha como único propósito aterrorizar os restantes passageiros. Foi divertido constatar como o fio que tecíamos à volta das nossas histórias estendia os seus filamentos, envolvendo os ocupantes da carruagem em sentimentos de puro pavor. Os extravagantes relatos que os faziam estremecer em nada diferiam dos de um assassino. Criámos verdadeiro assombro com as palavras, mencionando roubos audaciosos e mortes à facada que tínhamos cometido. E metíamos esses acontecimentos tenebrosos em noites cheias de vento e de destruição em que as árvores se precipitavam e se curvavam e as suas folhas voavam desordenadamente pelo ar.

Quando descemos em Arras e fomos denunciados pela mulher à polícia ferroviária, Arthur desfez-se em súplicas, mas, mesmo assim, fomos levados pelos gendarmes. Seguimos pelas ruelas da cidade para sermos presentes ao Procurador da República. O meu amigo foi o primeiro a ser chamado. Aparentava uma postura obediente, com uma palidez nos olhos, fazendo parecer que sofria em silêncio com algo mais forte do que as lágrimas. O tempo ia deslizando lento na sala de espera, até que Arthur saiu. Antes de eu entrar, piscou-me o olho. O Procurador estava sentado num magnífico cadeirão, olhando o mundo do ponto de vista de uma eminência. Cumprindo as suas obrigações, admoestou-me. Tinha havido um fuzilamento em Arras e as conversas por causa das quais havíamos sido detidos eram de péssimo gosto. O seu sermão fazia prever os piores auspícios, porém, Arthur havia-o convencido da inocência das nossas brincadeiras. O Procurador rapidamente tomou uma decisão: libertava-nos na condição de regressarmos a Paris no próximo comboio.

Já na estação eu e Arthur abraçamo-nos como dois loucos. Tínhamos perdido todo o sentido da moderação. Os meus sentimentos tendiam, depois de ter removido os obstáculos ligados ao meu casamento, para a intensidade.

Voltámos a Paris da parte da tarde e fomos jantar ao boulevard de S. Michel. O rumor das carruagens, a passagem de rostos iguais transportou-nos para uma espécie de sonho alucinado em que os traços das pessoas tinham sido suprimidos. Só eu e Arthur existíamos no mundo. Em silêncio, ambos sabíamos que era necessário deixar a cidade onde ainda vivia Mathilde. Depois da refeição, tomámos o último comboio para Charleville. Chegámos pela manhã quando

os contornos do casario começavam a emergir da neblina. Descemos na gare, evitando cuidadosamente a rua onde a mãe de Arthur morava.

Encontrámos Bretagne, o nosso amigo alquimista, no café Universal com quem passámos a tarde. Ele era um homem de muita imaginação. Ideias bizarras formavam-se rapidamente na sua cabeça e delas falava sem ter o senso do ridículo. À noite, quando o fomos levar a casa, encontrámos um vizinho. Bretagne apresentou-me como sendo um reverendo em trajas laicos e Arthur um seminarista e pediu que nos levasse de carruagem até Bruxelas.

#### NOTA BIOGRÁFICA

Ana Cristina Silva nasceu em Lisboa e é docente universitária no Instituto Superior de Psicologia Aplicada – Instituto Universitário. Doutorada em Psicologia da Educação, especializou-se na área da aprendizagem da leitura e da escrita, desenvolvendo investigação neste domínio com obra científica publicada em Portugal e no estrangeiro. Publicou até ao momento dez romances: *Mariana, Todas as Cartas* (2002), *A Mulher Transparente* (2003), *Bela* (2005), *À Meia-luz* (2006), *As Fogueiras da Inquisição* (2008), *A Dama Negra da Ilha dos Escravos* (2009), *Crónica do Rei-Poeta Al-Mu'Tamid* (2010), *Cartas Vermelhas* (2011, selecionado como Livro do Ano pelo jornal *Expresso* e finalista do Prémio Literário Fernando Namora), *O Rei do Monte Brasil* (2012, finalista do Prémio SPA/RTP e do Prémio Literário Fernando Namora, e vencedor do prémio Urbano Tavares Rodrigues) e *A Segunda Morte de Anna Karénina* (2013).